

APÊNDICE 1 – Produto Educacional

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

BRUNO AMARAL DA COSTA
AUTOR

Dr. WILSON LEMOS JUNIOR.
ORIENTADOR



Oficina ReArte

PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL

Paraná
CURITIBA/PR

2019

APRESENTAÇÃO

A oficina ReArte consiste em uma possibilidade de intervenção artística para que qualquer interessado em realizar uma prática com este viés possa balizar sua aplicação por meio desta concepção.

Esta prática educativa consolida o produto educacional fruto de uma dissertação de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT. Como material educacional pertencente à Área de Ensino, tem seu formato e sua aplicação entendidos como uma oficina situada na grande área da atividade de extensão (BRASIL, 2017).

O conceito que da vida a oficina parte do objetivo de aplicar uma práxis educativa que, por meio de exercícios relativos às artes visuais, possibilite a transformação de resíduos descartados, domiciliares e da construção civil, em peças artísticas.

Para atingir o pressuposto de práxis educativa a oficina entende como necessário gerar uma reflexão que de sentido a prática, e, por meio da prática, possibilite caminhos para a construção artística que concretize em uma produção artística na qual estejam incutidos os resultados reflexivos e práticos ofertados pela oficina. Para tanto, a oficina se apóia nas concepções de FREIRE (2016), entendendo como necessário a dialogicidade entre o objeto cognoscível e o sujeito cognoscente para que haja o trabalho reflexivo que possibilite uma real atuação do sujeito, podendo ele, assim, entender e transformar sua realidade.

Para que essa concepção de práxis seja factível, a oficina foi metodologicamente dividida em três momentos distintos, contudo interligados, de aplicação, na busca de ser consoante a linha de pesquisa que sustenta o escopo da dissertação que gerou a oficina. Os momentos são: i) diálogo; ii) vivência das técnicas; iii) construção.

Junto ao itinerário das atividades que encerra a oficina presentes no corpo deste trabalho, está descrita a aplicação realizada junto a turma de Processos Fotográficos do Campus Curitiba, efetivada nos dias 22 e 29 de Outubro de 2018, das 08h05min às 11h40min, com intervalo das 9h40min às 10h00min totalizando 3h20min/aula por dia, sendo que cada aula possui 50 minutos. Acompanhando, ainda, das análises efetivadas posteriormente a aplicação dos exercícios, que serviram como base para a conclusão da dissertação de mestrado.



Fonte: COSTA (2018)

Diálogo

A primeira parte da aplicação foi destinada a uma conversa interativa. Iniciando por fazer as devidas apresentações e dos caminhos percorridos até o momento da aplicação. Nessa primeira fase de interação foi objetivada a desconstrução dos sentimentos de receio. Sentimentos comuns que permeiam uma atividade artística na qual os envolvidos serão expostos, por meio de suas produções, ao escrutínio da opinião alheia. Para tanto, foi salientada a importância verdadeira da oficina, que foca no “fazer”, muito mais do que no que será feito. No que diz respeito à explanação aos temas da dissertação, diálogo que pretendeu mostrar o sentido da prática para os participantes, os comentários visaram direcionar reflexões aos seguintes temas:

I. Definições de arte:

Breve provocação aos participantes para extrair os conceitos trazidos por eles sobre a arte. Após as explanações, levantam-se algumas das variadas definições sobre a arte.

Texto de apoio:

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

BRANDÃO, Rodrigo (org.). **Arte & Filosofia**. Curitiba: SESC PARANÁ, 2006.

II. A influência tecnocrática sobre a industrialização da cultura e os processos alienantes:

O ponto principal objetivado nesse item é a mercadização dos bens culturais e sua influência sobre os processos criativos; reflexões sobre a relatividade de nossa autonomia na sociedade fundamentada no capital.

Texto de apoio:

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

III. Os processos criativos na perspectiva de uma ferramenta educativa atuando para a práxis na educação profissional:

Nesse ponto direcionam-se algumas das contribuições da arte para a educação profissional como: a estreita relação entre o fazer artístico aos pressupostos da práxis; a arte como processo que tende a humanizar espaços educativos que padecem de uma cultura tecnocrática que tende a enrijecer as relações humanas; os processos criativos inerentes ao trabalho multinilateral.

Texto de apoio:

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30.ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: Dualidade Histórica e Perspectiva de Integração. In: **Holos**. Ano 23, Vol. 2 – 2007.

Relato de experiência

A importância da fase do diálogo, no que tange os objetivos da pesquisa, era crucial para erigir, por meio da oficina, uma práxis. Para tanto era preciso incitar uma reflexão coletiva pautada nos objetivos da oficina. E para construir essa reflexão coletiva era necessário que os alunos viessem a se expressar. Ao passo que o silêncio, a recusa em falar, frente às provocações da oficina, era o maior receio deste inexperiente palestrante.

Diante uma turma da qual nunca antes havia tido um contato, construir uma roda de conversa que incitasse a uma reflexão pontual sobre os temas previamente estabelecidos não fluiu tão rapidamente. Os alunos foram se soltando mediante a conversa começou a chegar mais no universo deles: a fotografia. Ao indagá-los sobre o caráter da fotografia como arte ou como mercadoria as falas começaram a surgir.

Ainda que poucas, as falas provocaram e movimentaram os pensamentos, tanto dos alunos, como as deste pesquisador. Ao vivenciar este diálogo senti o significado de algumas das teorias de aprendizagem se materializando no processo de ensino que começava a erigir; como, por exemplo, a construção mútua do conhecimento.

Vivência das técnicas

Esta fase da aplicação foi destinada aos exercícios práticos, com a explicação e demonstração sendo feitas pelo facilitador. Com osicineiros dispostos em semicírculo voltados para o facilitador junto ao cavalete onde os percursos foram construídos.

Exercício: 1) TÉCNICAS PARA O TRAÇO:

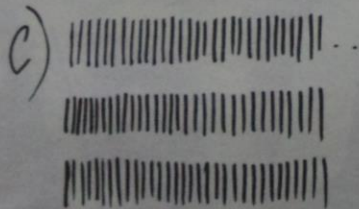
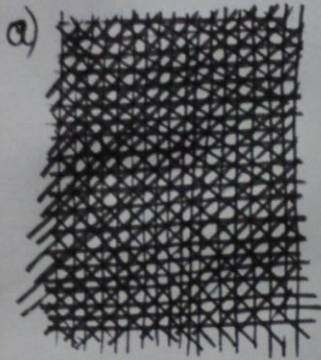
O primeiro exercício consiste em algumas formas de traços que objetivam o aprimoramento da coordenação motora fina. Desenvolvimento fundamental para a evolução no desenho. Por meio de exemplos realizados pelo facilitador, os participantes reproduzem os seguintes movimentos:

- a) Traço de linhas, entre dez a quinze cm, sendo elas retas e paralelas com o mínimo de espaço entre si. O primeiro bloco de linhas a ser feito deverá ser vertical, o segundo bloco longitudinal sobrepondo as paralelas e as transversais sobrepondo todas. O resultado final tende a lembrar uma trama como a de um tecido;
- b) Traço em círculos contínuos, começando com círculos grandes e terminando com pequenos. Formando um espiral de base pequena, um tornado;
- c) Traços pequenos, dois a três cm, paralelos, com o mínimo espaço entre eles, no sentido horizontal (a semelhança do exame paleográfico usado em entrevistas psicotécnicas).

Materiais necessários:

- Lápis HB2;
- Folha sulfite.

Ex 1



Exercício:2) TRAÇOS LIVRES

Os traços propostos nessa atividade são semelhantes ao item (c) do exercício anterior. Contudo a direção, o tamanho e a ordem das linhas paralelas são feitas a partir da escolha do participante. A única condição para este exercício é que as linhas sejam construídas paralelas uma das outras e com um mínimo de espaço entre elas.

Realizada uma vez essa dinâmica e tendo os participantes se familiarizado com o movimento, se inicia a parte sinestésica.

Sugere-se duas músicas para o exercício: *Concerto para piano n°21 em Dó Maior, K.467 1.Allegro* de Wolfgang Amadeus Mozart e *Wild Child*, da banda The Doors. São reproduzidos os dois minutos iniciais de cada música. Os primeiros trinta segundos de execução, os participantes apenas escutam a música, com a luz do ambiente desligada. Dado os trinta segundos, é acessa a luz e dado o sinal para que comecem os traços livres e contínuos.

Realizada as duas execuções inicia-se a análise das produções feitas. Nelas procura-se descobrir as possíveis influências da música sobre o caminho que possa identificar uma diferença na forma e no ritmo do traço.

Materiais necessários:

- Lápis HB2;
- Folha sulfite;
- Aparelho de som.

Relato de experiência

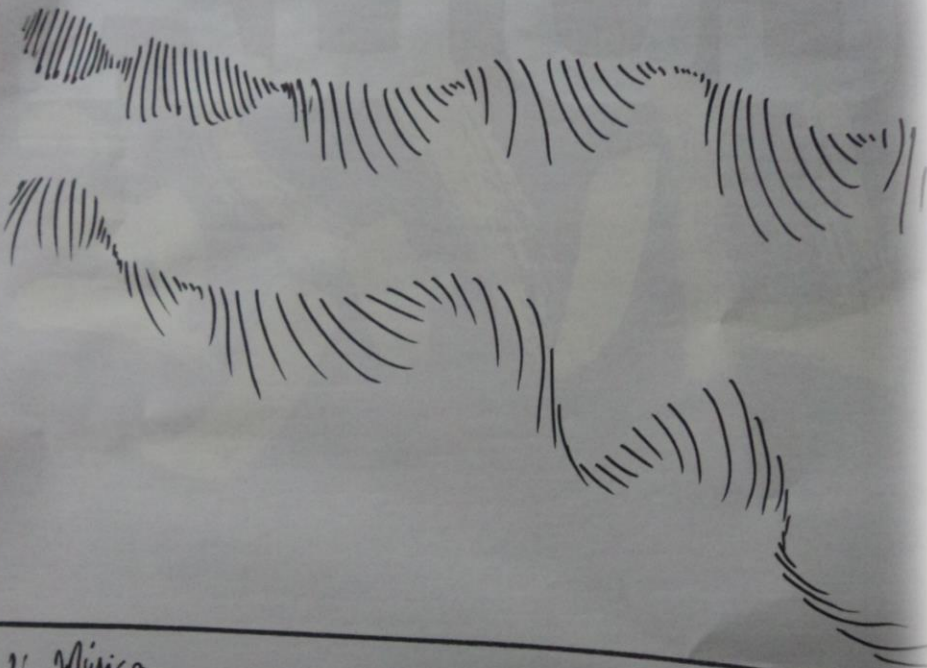
O primeiro e o segundo exercícios consistiam em formas variadas de trabalhar a coordenação motora fina visando à melhoria do traço. No planejamento prévio desta primeira fase da aplicação meu receio era que esses exercícios, puramente técnicos, pudessem parecer aos participantes um tanto maçantes em sua execução. Como foi uma das preocupações na elaboração da oficina despertar o interesse dos alunos junto à participação, foi desenvolvida a parte sinestésica, atrelando trechos de músicas para este aperfeiçoamento do traço no segundo exercício.

Esta parte denominada sinestésica foi idealizada em decorrência das brincadeiras de minhas horas de treinamento, na qual, sob influência de uma trilha sonora, deixava-me levar pelo ritmo musical no efetivar das linhas, formando uma sequência de linhas harmônicas, interessantes ao olhar. Desta forma foi arquitetada esta primeira linha de exercícios. Começando pela demonstração das formas de traço, a parte puramente técnica-repetitiva, seguindo para a parte sinestésica, na procura de atrelar sensações outras ao processo.

Após realizar esta série de exercício e analisar as linhas feitas pelos participantes, ponderando também que eles não estavam familiarizados com os movimentos, cheguei a concluir que o exercício foi proveitoso. Contudo, no que diz respeito à interação almejada, a intenção de despertar o interesse por meio de uma atividade prazerosa, talvez não tenha atingido a todos os alunos do curso.

Esta parcialidade pode ter surgido em decorrência do estilo das músicas factíveis aos distintos gostos de uma classe heterogênea; pela falta de contato com os estilos de traço que não permitiram uma melhor interação dos movimentos com o ritmo musical; também por ser a primeira vez em que apliquei este treinamento, o que, por mais que previamente planejado, tende a ser melhorado com a repetição da aplicação.

Ex 2 → 1: música



2: música



Fonte: COSTA (2018)

Exercício: 3) PRINCÍPIOS DE CONSTRUÇÃO DA MANDALA:

A mandala é uma forma harmônica de traços que compõe a chamada geometria sagrada. É uma forma muito em voga nos últimos tempos. Muito comum em cadernos de desenhos vendidos em livrarias e revistarias. Neste exercício é demonstrada uma forma simples de construção dessa forma geométrica.

Com auxílio de um CD, coloca-se o orifício do disco no centro do papel, traça-se uma linha pela circunferência do disco e, com a ponta do lápis, um ponto forte marcando o centro do círculo.

O segundo movimento é colocar o centro do disco sobre qualquer parte da linha do primeiro círculo traçado. Estando a base do CD encostada no ponto central do primeiro círculo, já pode ser traçada a segunda circunferência.

O terceiro movimento é colocar o centro do CD exatamente na intersecção do segundo círculo ao primeiro. Novamente a base do CD fica encostada ao centro do primeiro círculo traçado, e o terceiro movimento já pode ser traçado.

A partir daí o movimento se repete até a mandala ser concluída perfeitamente após o oitavo círculo ser traçado.

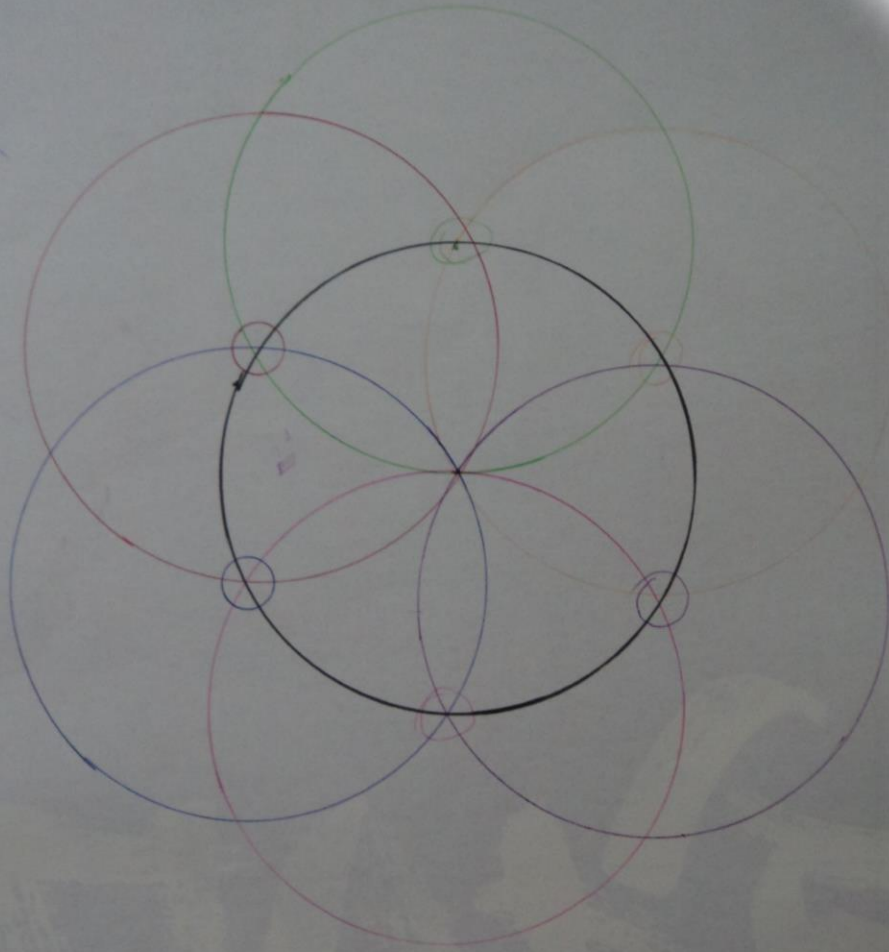
Materiais necessários:

- Lápis HB2;
- Folha sulfite;
- CD.

Relato de experiência

No terceiro exercício, com o auxílio de um CD, os participantes conheceram um modo simples de conceber uma mandala. Consistindo em uma dinâmica de construção baseado em sobreposições de circunferências. Rapidamente os alunos efetivaram suas respectivas reproduções, necessitando poucas intervenções junto aos que apresentaram dúvidas. Neste momento aproveitou-se a ocasião para descrever aos participantes alguns conceitos e curiosidades que esta forma geométrica encerra. Dentre elas seu significado etimológico advindo do Sânscrito: círculo; e as ligações místicas entre a circunferência, a humanidade e o cosmo; também seu aspecto simbólico de representação da psique e suas relações com a natureza (JUNG, 2008). Alguns participantes se mostraram curiosos quanto ao assunto. Na fase final da construção, esse formato foi o escolhido por uma das alunas para consolidar o processo da oficina.

Ex 3



Fonte: COSTA (2018)

Exercício: 4) LUZ E SOMBRA:

Começar entender a percepção de luz e sombra é um elemento fundamental tanto para o desenho como para a pintura. Para tanto, é demonstrada uma execução simples de uma esfera sob influência de um feixe de luz paralela. Este exercício permite fornecer a perspectiva de um plano de desenho, os recursos de gradação de tons para a criação da ilusão de dimensionalidade do desenho, bem como, a utilização dos materiais como o esfuminho e o lenço de papel.

Materiais necessários:

- Lápis HB2, B2
- Folha sulfite;
- Lenço de papel macio.

Relato de experiência

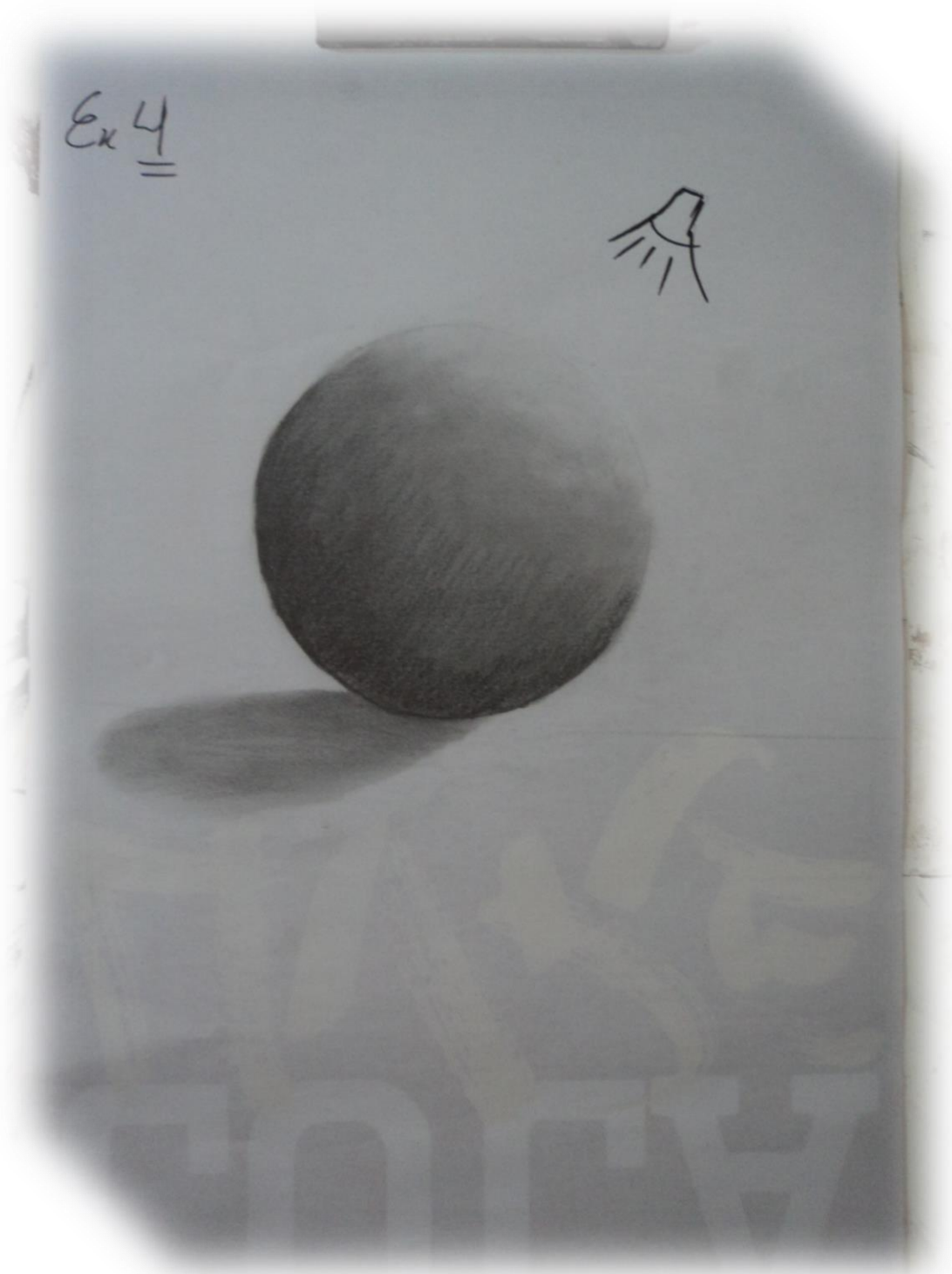
O quarto exercício foi o qual os alunos apresentaram maiores dificuldades na execução. Neste momento os exercícios, ainda que planejados sempre com uma perspectiva de simplificação, já almejavam uma demonstração de técnicas para possibilitar um salto qualitativo na construção do desenho. Especificamente este, consistia na elaboração de uma esfera sob efeito de um feixe de luz, dando a ilusão de tridimensionalidade.

A primeira dificuldade que percebi na execução dos participantes era a falta de familiaridade com a diluição do grafite. Processo pelo qual, por meio de um lenço macio, alisamos a superfície do papel onde foi empregado o grafite para suavizar as camadas do desenho. A segunda dificuldade era em visualizar o jogo entre os tons do grafite, entre o claro e o escuro, na procura pela perspectiva; escorçar, no jargão do desenho. Essas duas dificuldades distanciavam uma aproximação da forma almejada.

O objetivo do exercício era inculcar a ideia de claro e escuro na concepção do desenho; em suma, ensinar a escorçar. Este objetivo pelo princípio teórico foi narrado aos participantes antes ao início do executar o exercício. Mas, na prática, aliando a dificuldade técnica a esta falta de percepção de escorço, os participantes ficaram claudicantes quanto às “doses” de tons que deveriam aplicar no desenho, bem como, aos lugares propícios. Para tentar elucidar por outras vias esse princípio, disse aos oficinairos que o desenho pode ser visto como uma dança entre o branco e o preto, o claro e o escuro. Para a dança acontecer, um depende do outro, um exalta o outro. E na harmonia entre os dois nasce o desenho.

Não obstante, seria demasiada pretensão, por meio de um exercício aplicado em alguns poucos minutos, aliada a uma metáfora vaga, almejar inculcar esta percepção nos participantes. Percepção esta que pode ter sua aprendizagem acelerada de acordo com a eficiência dos exercícios junto à qualidade da metodologia empregada no desenvolvimento do desenho. Contudo, inevitavelmente, carece de tempo de desenvolvimento para sua apreensão. E vejo de forma positiva a dificuldade demonstrada pelos participantes. Essa dificuldade mostra que estavam se defrontando com uma perspectiva desconhecida, com algo que lhes estava desafiando, algo novo.

Essa dificuldade pode ser desestimulante para algumas pessoas, mas para outras personalidades, pode ser um poderoso incentivo.



Fonte: COSTA (2018)

Exercício: 5) PERSPECTIVA

Solicita-se que os participantes tracem uma linha dividindo a folha sulfite em duas partes iguais, tendo a folha na posição vertical. Na parte superior da folha eles criam uma paisagem litorânea de sua imaginação, tendo para isso em torno de cinco minutos.

Na segunda parte do exercício o facilitador executa uma paisagem litorânea, passo a passo, com os participantes reproduzindo, concomitantemente cada etapa, na parte inferior da folha.

Ao final do exercício se analisa as diferenças entre as paisagens.

Materiais necessários:

- Lápis HB2
- Folha sulfite;
- Lenço de papel macio.

Relato de experiência

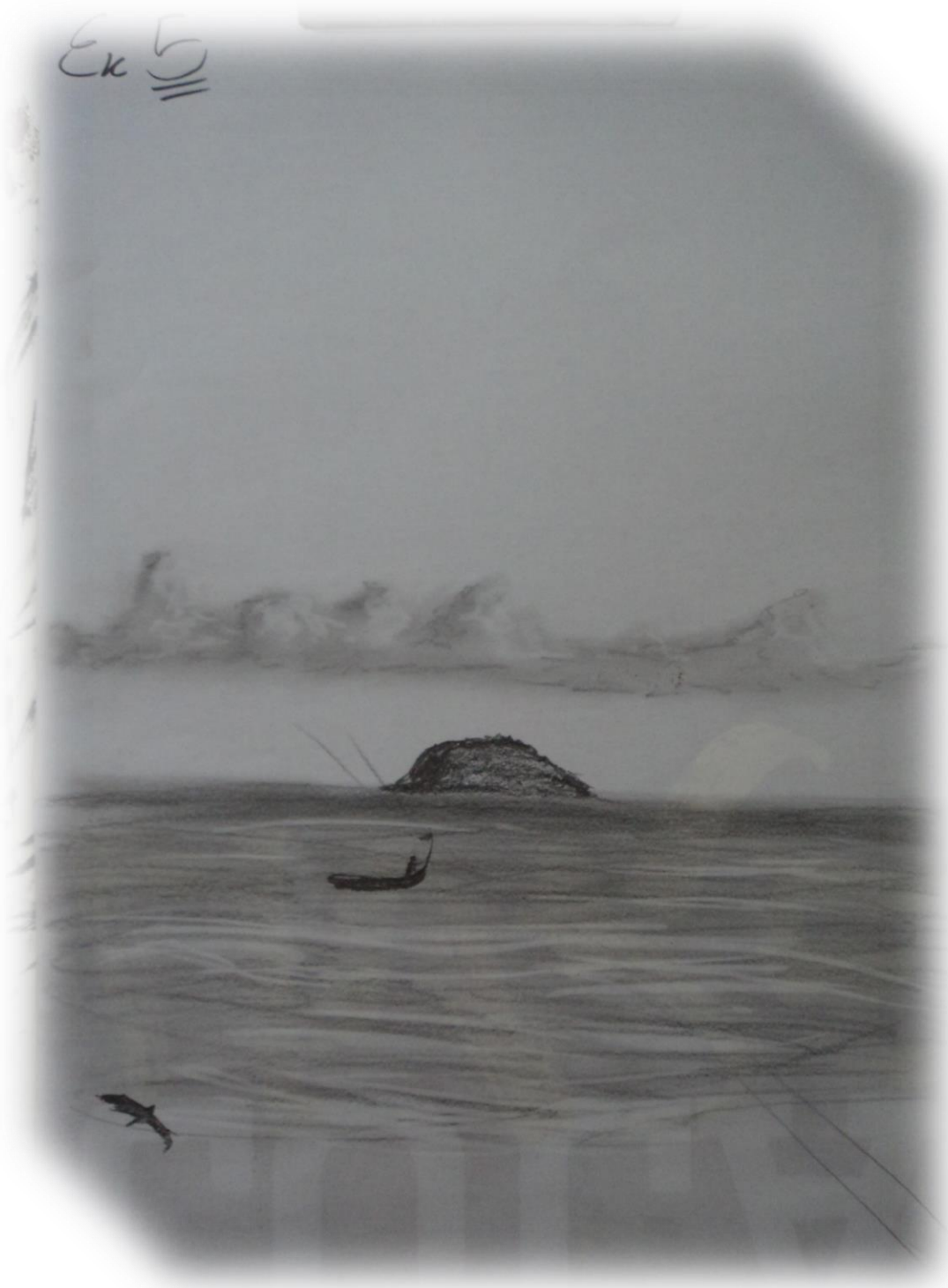
Utilizando-se dos mesmos recursos materiais e técnicos no exercício seguinte, número cinco, buscou-se como objetivo principal, possibilitar que os participantes utilizassem tais recursos técnicos do exercício anterior na construção de uma paisagem litorânea buscando a noção de perspectiva.

Para tanto, foi pedido para que dividissem uma folha sulfite, na posição vertical, em duas partes iguais por meio de um traço. Na metade superior, sem qualquer demonstração de minha parte, pediu-se para que executassem uma paisagem litorânea. Dado o tempo propício para a execução, os participantes foram solicitados a executar mais uma paisagem litorânea na outra metade da folha, agora repetindo passo a passo os caminhos demonstrados.

Forneci caminhos fáceis e pontuais para formar uma paisagem, tendo em vista erigir uma ilusão de perspectiva - de profundidade - no desenho, ao mesmo tempo, dando a possibilidade para que os oficineiros utilizassem os recursos técnicos do exercício anterior. Este exercício, pelo que senti em alguns participantes, gerou um sentimento de estafa ante este seguimento de técnicas com lápis e papel.

Ao analisar, posteriormente, as causas desta fadiga, levantei as seguintes possibilidades: demasiado número de informações novas perpassadas em um relativo curto intervalo de tempo; possíveis frustrações no que tange a comparação da intenção do desenho com a efetivação do mesmo; necessidade de um intervalo.

Diante desta percepção e ao constatar que o momento já condizia com o horário de intervalo que a classe estava habituada, foi dado o intervalo das 09h40min às 10h00min horas. Na volta, os exercícios passaram a ter uma característica diferente.



Fonte: COSTA (2018)

Exercício: 6) ISOGRAVURA, PRINCÍPIOS DA NÃO COR

Sob inspiração da milenar arte da xilogravura foi desenvolvida essa técnica para de forma simples e didática iniciar os participantes nos princípios básicos da gravura. Nela, ao invés da tradicional impressão feita sobre a madeira, utiliza-se o resíduo descartado, isopor, tornando o processo simples para a aquisição de seus conceitos.

O desenho é feito sobre a superfície macia do isopor com o auxílio de uma lâmina que facilmente marca o material. Após o desenho pronto, espalha-se uma camada de tinta nanquim sobre a superfície. Em seguida coloca-se uma folha branca sobre a camada de tinta. Com o auxílio de um vasilhame de vidro, passa-se o “rolo” sobre a folha para que a tinta seja toda transferida para o papel. Ao final, tem-se a impressão gravada no papel.

O intento principal desse exercício é construir a noção da não cor como fundamento do desenho. Ao contrário da pintura tradicional, o que constitui a forma nessa impressão é onde não há pigmento. O Vazio gera a forma.

Materiais necessários:

- Folha sulfite;
- Lâmina ou estilete;
- Tinta nanquim;
- Vasilhame de vidro ou rolo de pão;
- Isopor.

Relato de experiência

Mediante a volta paulatina dos alunos para o retorno da oficina foi iniciada a sexta atividade intitulada isogravura. Narrado aos alunos a origem da inspiração deste exercício, tido na xilogravura, e os princípios do formar pelo “vazio”, partimos para o primeiro exercício pelo qual os participantes puderam conceber um material vulgar, como o isopor, sendo usado na oficina como elemento protagonista.

Este exercício se mostrou mais dinâmico do que os anteriores e também mais interessante pelo caráter inusitado dos materiais utilizados: isopor, estiletes, tinta e garrafa. De modo que alguns fracassos e outros sucessos nos resultados finais geraram um clima leve de descontração na turma. Algumas imagens atingiram um resultado interessante, outras não chegaram perto de um formato. Contudo o fazer neste momento ganhou certa ludicidade. Ainda que o exercício levantasse algumas prerrogativas como a fonte de sua inspiração tida em uma arte milenar, seus materiais e a própria execução tinham mais conotação de brincadeira que os exercícios anteriores.



Fonte: COSTA (2018)

Exercício: 7) ARTE RUPESTRE

Sobre o lado com tinta acrílica já seca aplicada sobre o compensado, espalha-se carvão em toda a superfície rugosa da madeira. Com o auxílio da borracha, começamos a desenvolver o desenho. A ideia desenvolve-se com o mesmo princípio da não cor, como a isogravura. A borracha vai tirando a camada de carvão deixando reluzir a superfície branca do compensado. O pano serve para limpar a borracha à medida que esta vai se sujando. O lápis serve para desenvolver alguma parte que exija um detalhe mais delicado.

Também é possível desenvolver o desenho tradicionalmente. Com linhas sendo feitas pelo carvão e pelo lápis. Como um retrato preto e branco.

Pelo aspecto rústico que essa técnica proporciona foi intitulada como arte rupestre.

Materiais necessários:

- Placa de compensado;
- Tinta acrílica branca;
- Carvão vegetal;
- Lápis 6B;
- Pano de algodão;
- Borracha escolar.

Relato de experiência

No sétimo exercício foi trabalhado outro material que condizia com os pressupostos da oficina que, pelas técnicas visuais, visavam utilizar resíduos sólidos para transformação em peças artísticas. Desta vez, utilizando um pedaço de compensado, carvão e borracha escolar, foi demonstrada a intitulada “arte rupestre”. Ressalva que em uma das superfícies do compensado já havia sido aplicada uma camada de tinta acrílica branca.

Este exercício consistia em aplicar o carvão vegetal sobre a superfície com tinta do compensado e por meio da borracha construir uma imagem retirando camadas de fuligem do material. Demonstrados aos alunos uma rápida construção de nuvens, com suas graduações de tons, os participantes começaram a experimentar esta arte assim intitulada pela peculiar sujeira que sua execução causa e por seu aspecto rústico. Alguns participantes chegaram mesmo a testar a técnica em papel sulfite. E o clima continuou leve com esta aplicação. Alguns estudantes se concentraram em suas atividades esquecendo, ao menos temporariamente, a presença das outras pessoas.



Fonte: COSTA (2018)

Exercício: 8) PINTURA SOBRE AZULEJOS

É demonstrada a execução de uma peça de azulejo para que os participantes visualizem toda a produção. A cada passo do processo são dadas explicações concernentes à execução de uma pintura.

Para este processo recomenda-se como temática da pintura a reprodução da tela impressionista de Claude Monet, *O Pôr do Sol em Veneza*. Obra esta que traz uma simplicidade de elementos contidos em sua forma. Nela é nítida a gradação de tons que, apesar de similares, distinguem perfeitamente o céu da linha do mar no ponto de fuga da tela. De modo que possibilita uma execução rápida e rica em informações para osicineiros, além de ser uma bela obra de arte.

Acompanhada de uma explanação sobre a tinta a óleo e seu manejo, a relação das cores, suas possibilidades, as características que a tinta proporciona e a gradação dos tons.

No decorrer da execução o manejo com o óleo de linhaça, os pincéis, a espuma e o pano, são explicados na medida em que vão sendo necessários.

Ao final da execução, os participantes que se sentirem a vontade, têm a oportunidade de experimentar o processo.

Materiais necessários:

- Azulejos e porcelanatos;
- Tinta a óleo;
- Tíner;
- Óleo de linhaça;
- Pincéis;
- Espuma;
- Algodão;
- Pano de algodão.

Relato de experiência

Dado o horário próximo ao fim do primeiro dia de oficina os estudantes foram convidados a assumirem seus respectivos lugares na sala posta em círculo para assistirem a demonstração de uma pintura de azulejo com tinta óleo. Nomeando os materiais e demonstrando suas funções, fui executando passo a passo desta que era a atividade geradora de toda a oficina, e pela qual mais apreço trago. Escolhida uma tela de Claude Monet para reprodução diante dos alunos, por esta obra do impressionista trazer uma simplicidade de formas encantadoras, passíveis de serem analisadas junto às leis básicas de enquadramento de imagem; também por suas cores fortes e expressivas tidas, principalmente, no contraste entre o laranja cadmo e do azul cobalto; por último, por ser uma das primeiras que executei sobre a superfície do azulejo nas primeiras tentativas com essa técnica.

Findado o último retoque sobre o pedaço de azulejo, a turma absorveu alguns instantes de silêncio, observando aquele facilitador ali presente expondo aquele pedaço de azulejo velho, agora com borrões de tinta que imitavam uma tela impressionista. Foi então que aquela turma de Processos Fotográficos emocionou verdadeiramente este professor ao presenteá-lo com uma inesperada salva de palmas, que, pelo que pude sentir, pareceram fraternas e sinceras.



Fonte: COSTA (2018)

Construção

Esta fase da Oficina é destinada a elaboração e construção da peça artística. Ocasão derradeira da práxis artística. Para tanto, se faz necessário um planejamento estratégico prévio dos passos a serem tomados.

Na produção artística quanto melhor a organização externa for concebida, melhor o caos subjetivo estruturará suas reflexões que incidirão na materialidade. Em suma, quanto menos distrações durante o processo, melhor. Desta forma, a organização dos espaços e dos materiais deve ser arquitetada nos mínimos detalhes.

O intuito é dividir os discentes em grupos de produção, cada qual, respaldado dos materiais necessários para sua criação. Como critério para divisão desses grupos é analisado a similaridade dos objetivos e dos materiais que cada um necessitava utilizar. Constituídos os grupos, a tarefa se foca em traçar planos individuais de construção, que tendem a serem similares nos grupos. Delineados os passos, separados os materiais necessários e organizado os espaços de forma coesa, é dado espaço para os processos criativos agirem, respaldados por uma constante mediação.

O tempo necessário para cada produção é relativo e pode variar de indivíduo para indivíduo e de trabalho para trabalho. O foco é a imersão dos participantes em uma produção livre.

Como última tarefa sugerida aos participantes da oficina, indica-se a redação de um texto no qual se trabalhe as percepções tidas durante todo o processo vivenciado pelo oficinheiro. Como sugestão para a temática deste relato, indica-se os seguintes itens:

- Relevância do conteúdo;
- Considerações quanto à didática empregada;
- Sensações no trato com os materiais;
- Descrição do processo criativo vivenciado para a composição.
- Relações da obra com o artista;

Relato de experiência

Como consta na descrição acima, havia planejado formar grupos de produção separando os materiais artísticos e os resíduos sólidos propícios para cada tipo de construção trabalhada na primeira semana. Desta maneira o material a ser distribuído era grande e a repartição tinha de ser pensada idealizando uma funcionabilidade para cada grupo. Por exemplo, enquanto o grupo que usaria na construção materiais como lápis, aquarela ou giz - materiais sobre o papel - necessitaria o uso das carteiras para produzir, os que escolhessem pintura em azulejo necessitavam de uma liberdade para os movimentos, ou seja, careciam de mais espaço. Como na montagem de um quebra-cabeça, essas e outras questões foram dando forma à sala. De modo que essa hora passou incrivelmente rápida.

Pouco a pouco os mais corajosos foram tomando a frente e escolhendo os caminhos oferecidos para se percorrer, enquanto os mais tímidos ainda estudavam qual lugar lhes caberia melhor estar. A partir desse momento pouco tempo tive para um olhar geral do andamento da oficina. Durante boa parte da aplicação estive a auxiliar tanto o manejar relativos às diferentes técnicas, como disponibilizando os materiais à medida que eles se tornavam necessários. Para compor os registros fotográficos tive de aproveitar os poucos intervalos entre um auxílio e outro. Assim aquela manhã passou rápida e preñe de acontecimentos.

A análise agora será feita a partir do registro fotográfico de algumas das produções realizadas pelas alunas, junto ao respectivo texto redigido pela autora de cada obra. A partir desses materiais será possível conhecer fragmentos de alguns dos processos de construção realizados neste último dia com as estudantes, bem como, incidir sobre os sucessos e fracassos relativos aos objetivos alçados pela pesquisa.

1) Aquarela

Figura 9 - Aquarela



Fonte: COSTA (2018)

Esse registro mostra uma produção feita em aquarela sobre papel Canson A4. Tomando da liberdade que foi dada a prática de construção, esta oficina escolheu uma forma clássica das artes visuais tida na aquarela, preterindo a manufatura com materiais descartados. E teve verdadeiro êxito no que provavelmente foi sua primeira investida séria com a tinta solúvel em água.

A imagem original usada como modelo para a reprodução possui um impacto visual muito forte, e a maneira como a produção foi construída revela que esse impacto foi perseguido com avidez pela oficina. No canto inferior esquerdo da imagem podemos notar um tom mais escuro, feito possivelmente a lápis, que sugere a procura por uma relação com os tons claros das nuvens, em busca de uma perspectiva. O brilho de Buda ficou nítido e belo; talvez o aspecto mais técnico da construção. Também no desenho há uma harmônica coerência entre as proporções. Buda nos impele a seguirmos sua atenção, e lá é fácil deixar a mente abstrair-se.

Quando esse desenho chegou a minhas mãos, em meio à oficina, trazida pela autora, olhei para o desenho, olhei novamente para ela, e

perguntei, antes mesmo de elogiar a produção, se ela já havia feito algum curso na área. Abrindo um sorriso modesto ela disse que sim, que já havia feito curso de pintura em tela a óleo, como se pode confirmar em seu texto.

Segue o texto produzido pela autora dessa imagem. Por meio de seu conteúdo analisaremos mais momentos relativos a essa obra:

O conteúdo aplicado tem muita relevância com o curso de Processos Fotográficos pela necessidade de observação de imagens para realizar a composição de cores, formas, enquadramentos e ângulos do desenho.

A oficina foi muito interessante e a didática muito boa. Organizar as cadeiras em círculo facilitou a conversa e a explicação de todas as técnicas as quais nos foram apresentadas, o que, posteriormente, ajudou no manuseio dos materiais. Lápis e borracha são utilizados corriqueiramente, mas as dicas explicadas para composição dos desenhos auxiliaram e facilitaram a criação, como a utilização de CD para fazer uma mandala, informações sobre luz e sombra, etc.

A xilogravura em isopor foi simples e divertida de fazer, apesar de a falta de habilidade acarretar em mãos sujas.

A manipulação do carvão para desenho foi uma experiência nova e interessante. Como nunca tinha utilizado, a falta de prática dificultou o processo de criação da imagem, pois borrava, e além de sujar a mão, descuidos a mais levaram a sujar o rosto, gerando alguns risos.

Como já fiz aulas com utilização de tinta óleo, optei em fazer aquarela, com o qual não sou muito familiarizada. Peguei uma imagem que foi disponibilizada e recriei-a. No início, a ambientação com o material foi um pouco difícil, mas com o uso, foi ficando cada vez mais fácil. Senti falta de algumas cores, porém isso não foi algo que inviabilizasse terminar a imagem. Gostei muito de ter manipulado a aquarela, pois acho a técnica linda e senti que deveria ter utilizando-a mais vezes, e a oficina me proporcionou essa aproximação. **(Participante 1)**

Lembro que no começo da aplicação, quando todos estavam decidindo por que caminhos iriam seguir, estaicineira já estava me fazendo perguntas precisas sobre os materiais que iria necessitar. Por primeiro, viu que o pincel que ela havia pegado para a aquarela já havia sido utilizado anteriormente em tinta óleo, isso pelos resíduos de tinta nas cerdas do pincel. Desta maneira, ela me indagou diretamente sobre o tiner para limpar estes resíduos. Fiquei surpreso diante um pedido tão específico como o tiner. Aos poucos fui preparando os materiais que ela me solicitava. Fui até sua bancada levando o tiner e mais alguns pincéis propícios para a aquarela. Reparei que ela já havia separado sua folha Canson e também a foto da representação de Buda sobre sua mesa, bem como o estojo da aquarela, deixando o local disposto comodamente para sua construção.

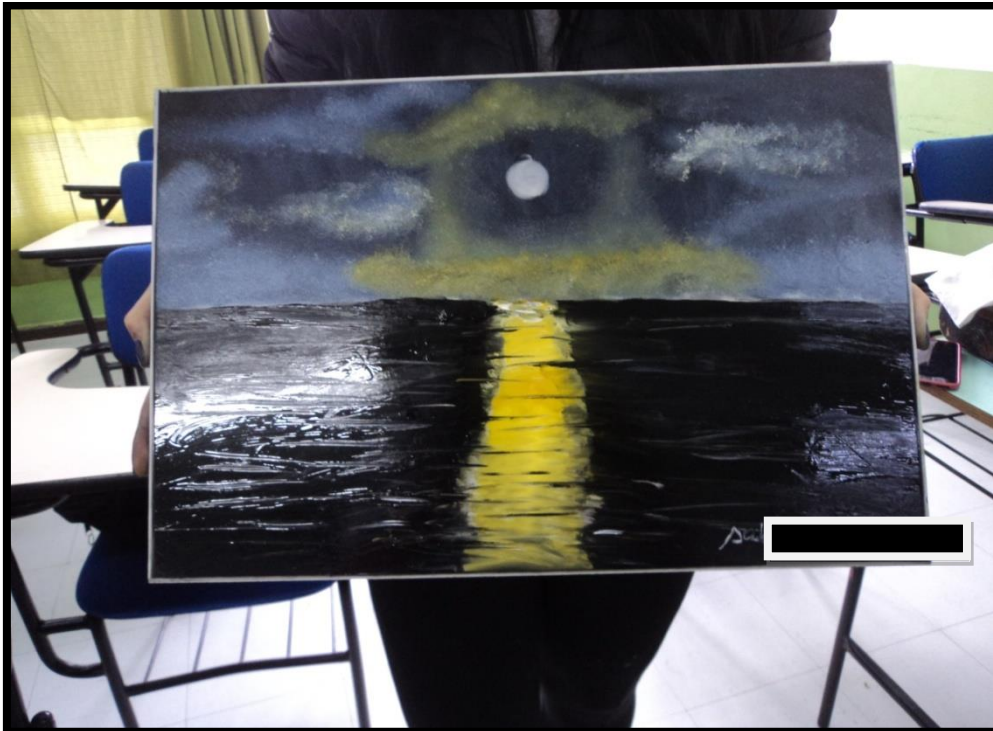
Depois disso, somente já algo próximo ao fim da aplicação a autora veio me indagar se não havia alguma tinta branca, pois ela só tinha para essa cor do lápis aquarelável e estava tendo dificuldades para alcançar seu tom. Infelizmente só havia o branco em tinta óleo, e ela optou por não utilizar este formato. Por fim, ela apareceu para me mostrar o que havia feito.

Tanto a aquarela, quanto a produção textual feitas por esta autora são de suma importância para análise dos objetivos alçados pela pesquisa. O conteúdo do texto aborda várias questões sucinta e objetivamente em sua parte inicial, que foram pontos em que havia me preocupado diretamente no planejamento, como por exemplo, a correlação entre os conteúdos da oficina as linguagens da fotografia, também sobre a disposição da sala facilitando a prática dos exercícios. O aval positivo desta aluna que já havia tido uma experiência com a tinta óleo, no que diz respeito aos aspectos metodológicos, didáticos e logísticos da oficina, têm muita relevância para esta análise do processo.

No andamento do relato, quando tratou sobre a xaxugravura, também o texto ganha coloquialidade refletindo, talvez, o clima lúdico que este momento suscitou na aplicação. Seu relato passa por praticamente todas as técnicas trabalhadas na segunda fase da aplicação e explica o porquê de sua escolha pela aquarela no processo de construção. Expõe as carências que sentiu durante a produção com uma implícita forma cordial de colaboração com o processo. E finaliza dando mostras de ter participado de uma oficina que lhe proporcionou uma atividade que ansiava experimentar, tida na aquarela.

2) Óleo sobre azulejo (1) e (2)

Figura 10 - Óleo sobre azulejo (1)



Fonte: COSTA (2018)

A (figura 10) traz o registro de uma produção feita com tinta óleo sobre azulejo. O processo de construção dessa obra foi à reprodução de uma foto de autoria da estudante de Processos Fotográficos. Em verdade, esta pintura é a segunda feita pela autora na construção. Antes, ela havia feito a reprodução de uma paisagem litorânea com uma imagem disponibilizada pela oficina (figura 12).

No dia da produção, esta menina demorou bastante tempo para escolher a pintura a óleo como meio de produção. Ficou primeiramente assistindo as demais produções sendo feitas por suas colegas de classe. Em alguns momentos me fazia perguntas sobre as técnicas que ia passando como auxílio na construção dos demais participantes. Até que, mediante certa insistência de minha parte, decidi iniciar sua pintura. E depois de se decidir e começar a pintura sobre o azulejo, sua primeira produção foi bastante rápida. Após acabar esta primeira produção em pouco tempo aicineira pareceu se surpreender com a certa facilidade e agilidade com que produziu sua pintura. Reparei que

ela foi a sua bolsa e retirou seu celular. Ficou um tempo a examinar algumas fotos e, quando escolheu uma pela qual tinha mais apreço, veio me perguntar se havia como reproduzir a foto de sua autoria. Disse que sim. Procuramos um novo azulejo e partimos para a produção.

Nessa pintura ela se concentrou um tempo superior a sua primeira produção. Fez menos perguntas e passou bastante tempo a sós, vivenciando os processos da construção. Pelo registro podemos ver que ela experimentou algumas técnicas de textura empregadas no fundo da pintura. Trabalhou com bastante tinta e óleo de linhaça buscando a liquidez do mar. E buscou um reflexo dos raios lunares nas águas.

A oficina contou com um conteúdo muito interessante, eu não tinha tido contato com diversos materiais que foram trazidos para a oficina e me senti muito satisfeita em relação ao conteúdo e ao material utilizado nas atividades. Além do conteúdo ter sido muito bem explicado a didática escolhida foi bem proveitosa para a assimilação do conteúdo exposto. Os materiais utilizados foram ótimos para o desenvolvimento e entendimento das diversas técnicas de desenho apresentadas. Alguns eu nunca tinha utilizado, e gostei da experiência de poder conhecer e utilizar. Eu nunca fui muito habilidosa com desenhos, e descobri que com um pouco de esforço consigo expressar minha arte de alguma maneira, gostei muito da experiência de pintura com tinta óleo no azulejo, sempre achei que era uma coisa muito difícil de ser feita, mas descobri que não é tão complicado assim. Utilizei uma foto minha como inspiração para a pintura, fiquei meio insegura antes de começar e cheguei a achar que não daria certo, porém fiquei bem satisfeita com o resultado final, consegui me superar na falta de coordenação para desenho.

(Participante 2)

A participante descreve objetivamente, no início de seu texto, as partes de teor mais técnico relativas ao primeiro dia de oficina, demonstrando satisfação com o conteúdo, a didática e os recursos utilizados. Narra também lhe ter sido agradável ter conhecido novas formas de desenho. A partir desse momento seu relato passa a ser menos técnico e assume ares confidenciais. Admite, então, sua dificuldade junto ao ato de desenhar. Desvenda sua alegria em ter conseguido atingir um resultado que lhe trouxe um sentimento de superação. E o ponto saliente de seu relato é sua forma livre e convicta de dizer que conseguiu, mediante esforço e concentração, expressar sua arte.

Essa afirmação nos faz acreditar que houve uma reflexão na confecção deste relato embasado na experiência artística que a oficina proporcionou. Arremete para o fato de o processo ter gerado mudanças paradigmáticas na

forma de enxergar a construção artística. E nos dá a percepção de ter ocorrido o almejado processo de práxis. A oficina parece ter lhe trazido significado!

Figura 11- Óleo sobre azulejo (2)



Fonte: COSTA (2018)

3) Mandala

Figura 12 - Mandala



Fonte: COSTA (2018)

Feita com lápis colorido e caneta hidrográfica sobre papel sulfite A3, o registro mostra as linhas reproduzindo eficazmente a técnica demonstrada para a concepção de um formato simples de mandala, como é possível perceber pela harmonia das circunferências e também no enquadramento da forma. Toda a concepção da obra com suas cores fortes distribuídas, aparentemente, seguindo as leis do acaso, junto ao traçado firme usado, podem nos dar pistas sobre sua autora.

Todo o processo de produção desta mandala foi rápido em comparado ao tempo das outras produções feitas pelas colegas desta oficina. Inicialmente reparei que esta menina demorou algum tempo para decidir-se em qual grupo iria ficar. Ao passo que a maioria se dirigiu para o grupo onde estavam os materiais para a pintura a óleo, ela decidiu ficar no espaço menos ocupado da sala, reservado para a xaxugravura e a arte rupestre. Lembro-me que esta oficina fez somente uma pergunta relacionada à necessidade de se ter que fazer uma obra e um texto sobre o mesmo. Respondi que sim, ao

menos era essa a ideia de construção da oficina. Ela nada mais perguntou e se ensimesmou em seu lugar solitário. Ainda faltando um bom tempo para o fim da oficina, veio mostrar seu desenho e seu texto.

Essa menina retrata bem o exemplo de uma boa aluna. Entendeu perfeitamente o que foi solicitado e fez, demonstrando haver prestado atenção em tudo que foi dito. Mas essa boa aluna usou do fazer artístico com intuitos distintos aos usados nas produções anteriores. Os exemplos anteriores mostram boas alunas que se lançaram ao desafio e, cada uma a sua forma, se superaram, demonstrando esse sentimento em seus respectivos textos. Uma descobriu uma nova linguagem que sempre teve curiosidade, a outra, menos iniciada no desenho, descobriu que a aptidão para o desenho depende essencialmente, mas não só, da prática. Esta terceira boa aluna não se pôs tanto a prova, como as outras duas, no sentido da produção. Mas no tempo em que esteve a sós construindo sua mandala, muitas consequências proveitosas lhe aconteceram. Sua produção textual nos mostra alguns desses indícios:

Foi uma experiência muito bacana, leve e divertida. A didática, através de vários métodos de pintura e desenho, é nostálgico para mim, lembrando a infância na época escolar. O contato com todos esses materiais proporciona uma maior liberdade na hora de produzir. O ambiente fica mais leve com música ambiente, com os materiais pela sala, lembrando um ateliê. Para mim, foi terapêutico a produção da minha arte, algo que deixei apenas fluir, nada intencional. Espero que a oficina prossiga para outras turmas, e que tenham essa experiência maravilhosa que tive. Ao Bruno, parabênzulo pela iniciativa, que no mundo consumista de hoje, reaproveitar para criar arte é incrível. **(Participante 3)**

Em seu relato aicineira nos mostra que a atividade e o clima da oficina puderam reavivar lembranças suas de tempos regressos no qual o fazer artístico era uma prática que compunha seus dias escolares. Essa informação nos leva a refletir como as práticas artísticas desinteressadas parecem fazer parte da identidade da educação infantil no imaginário coletivo. Ao passo que nos anos subsequentes de formação, essas práticas artísticas passam a ser paulatinamente preteridas a estudos de cunho mais técnico.

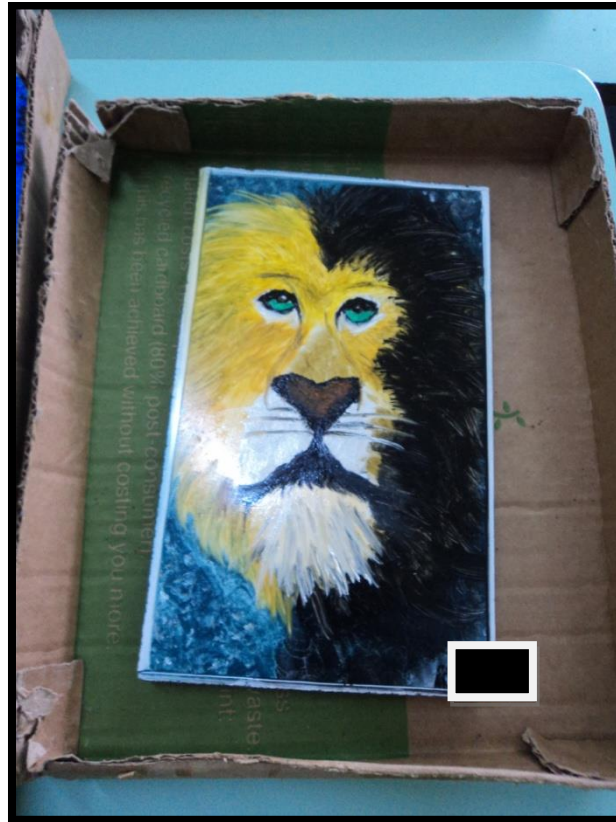
Talvez, para essa menina, os momentos em que esteve absorvida pela prática artística tenham servido-lhe como uma catarse. Seu desenho não foi uma produção com enfoques como as anteriores, foi um fazer despreocupado, terapêutico, como ela mesma diz. Se repararmos nas cores fortes empregadas

na pintura, elas denotam tensão. É possível que o clima diverso da sala, com música ambiente e com ares de atelier, foi mesmo como uma terapia, por onde pôde suscitar velhas lembranças e esvair seus pensamentos do seu cotidiano. Se essa oficina não produziu uma obra com enfoques como as outras duas, também ela fez arte, como a arte a refez.

Último ponto importante a se ressaltar em seu texto foi o que finalizou seu relato. A estudante se atentou para o enfoque da transformação de resíduos sólidos em peças artísticas, mesmo sem ter optado por este formato de produção, inquirindo sobre a importância do reaproveitamento.

4) Óleo sobre azulejo (3)

Figura 13 - Óleo sobre azulejo (3)



Fonte: COSTA (2018)

Esta imagem mostra outra produção que utilizou a transformação de resíduos sólidos para a construção, escolhendo uma imagem disponibilizada pela oficina com o retrato de um leão, para compor sua obra.

Depois de escolher, dentre várias possibilidades, o retrato do felino, aicineira veio me perguntar se era possível reproduzir a imagem no azulejo. Disse para ela que sim, contudo, que não seria nada fácil. Expliquei o fato da superfície do azulejo ser extremamente lisa, o que junto à tinta diluída a óleo deixa muito difícil reproduzir imagens com detalhes delicados, como requer um retrato. Corajosamente a participante não se intimidou diante minhas advertências. Sentou em sua cadeira e foi experimentando o processo sem pressa. Utilizou seus dedos, pincéis, espumas e outros materiais para compor sua pintura. Investigou a fundo as possibilidades de construção. Foi atenta as orientações que lhe foram passadas, e, no fim da produção, ficou satisfeita com seu resultado.

A oficina de arte nos trouxe uma experiência totalmente diferente do que já havíamos feito durante o curso.

A didática totalmente prática nos fez imergir na área da pintura/desenho.

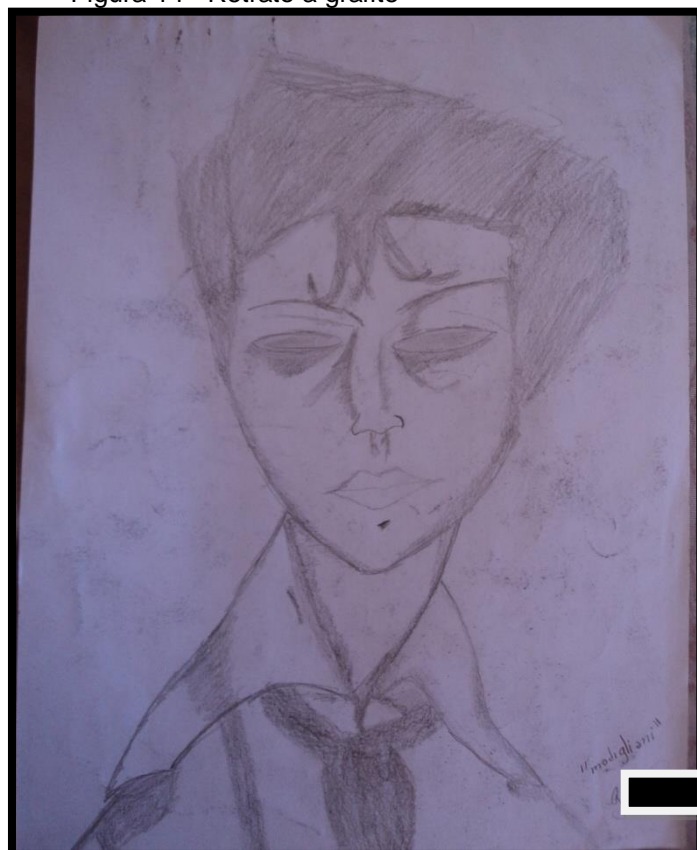
O professor Bruno deixou vários materiais à nossa disposição, ficando à escolha de cada um partir para a “arte” que melhor se identificasse. Além de ter dado suporte a todo momento aos alunos.

Incentivar as artes manuais nas escolas é algo de extrema importância. Desperta a imaginação e a parte lúdica das pessoas, além de ser uma terapia. **(Participante 4)**

Além da coragem tida na escolha do processo de construção e também no prolífico resultado tido na obra, a escolha de trazer a produção desta oficina para análise se dá em virtude das últimas palavras de seu texto. Nelas, a participante defende a arte como ferramenta de extrema importância no processo formativo educacional em virtude do desenvolvimento da imaginação e da ludicidade. Fato que corrobora com nossa linha de investigação.

5) Retrato

Figura 14 - Retrato a grafite



Fonte: COSTA (2018)

Esta aluna optou por utilizar as técnicas de grafite para a composição de sua produção. Escolheu reproduzir a obra do pintor italiano Amadeo Modigliani “Mulher com Gravata Preta”. Obra esta que a aluna encontrou em uma das coleções de grandes mestres da pintura disponibilizadas pela oficina.

Na fotografia desta reprodução podemos perceber que a aluna, em alguns pontos, teve uma boa aproximação da obra original. Como as linhas dos lábios e a parte inferior do nariz. Percebe-se que buscou uma diluição do grafite no intuito de formar um sombreamento, utilizando-se das técnicas passadas pela oficina. E que buscou a inclinação harmoniosa que tanto caracterizou as obras do mestre italiano.

A oficina de arte do Bruno foi extremamente educativa e comunicativa. Aprendi técnicas de pintura que nunca tinha visto antes, e também aprendi sobre como usar alguns materiais recicláveis para pintura, assim como tive liberdade para fazê-las. Isso me deixou muito confortável para criar e fazer mais, e agora quero continuar estudando sobre. **(Participante 5)**

Os motivos que levaram a escolher estas produções para a análise foram: por ser a obra de maior relevância trabalhada a grafite; o indício das técnicas perpassadas no primeiro dia de oficina sendo postas em prática; no que diz respeito ao seu relato, o fato da aluna salientar a liberdade de ação que foi fator preponderante para deixá-la à vontade para sua construção, e, principalmente, sua última frase na qual afirma querer continuar seus estudos artísticos.

6) Relato

Transcrevemos este relato sem uma produção, pois aicineira, apesar de ter participado do dia da construção e ter feito desenhos a lápis e a aquarela, optou por não entregar seus desenhos nem quis deixar fotografá-los. Como a liberdade foi dada como prerrogativa máxima de atuação, a vontade da participante foi acatada.

Apesar daicineira não fornecer uma obra para análise, seu pequeno relato é o único que trata diretamente sobre um apontamento da fase do diálogo objetivado na aplicação:

Achei muito interessante como o Bruno começou a oficina nos questionando e nos fazendo refletir sobre o que é arte. A experiência de ouvir música antes de desenhar também foi bacana, imagino que seja estimulante. **(Participante 6)**

Esta oficina apesar de não ter participado da fase do diálogo no primeiro dia de atuação da oficina, expôs esse momento em seu texto. Pela sua característica lacônica de relatar suas impressões da oficina como um todo, o fato das indagações aparecerem em seu texto denota a relevância que as provocações tiveram para a oficina. Para a pesquisa que teve por objetivo despertar a reflexão nos participantes por meio do diálogo, essas poucas linhas, que provam ter existido esse fomento reflexivo, impõem no alcance de um objetivo.

7) Críticas

Agora, os relatos que levantaram críticas as questões metodológicas e práticas da oficina:

Achei a atividade muito interessante, porém decidi não participar por não saber o que fazer e como fazer. O espaço da sala foi distribuído de forma não confortável deixando o ambiente pequeno. Tinha um número significativo para pintura óleo, mas aquarela não. Por não conseguir me inserir nas atividades e grupos escolhi só observar. Gostei muito das orientações que o Bruno passou para a equipe que estava na pintura óleo e a maneira como ele ensinou a turma. Uma coisa que achei ruim foi a música alta e irritante em alguns momentos. No geral foi muito legal. **(Participante 7)**

Este relato elucidado que a liberdade de não participar foi efetivado por esta participante que não se sentiu confortável com o ambiente criado. Na manhã da construção, houve um grupo de três ou quatro pessoas, das quais duas não haviam participado do primeiro dia de oficina, que apenas observaram o processo de seus colegas. A autora deste relato, provavelmente, era uma dessas participantes.

No relato, a estudante relata uma vontade de ter utilizado a aquarela. Este material foi rapidamente escolhido pela autora da primeira obra analisada. Contudo, poderia e foi utilizada por mais de uma pessoa, sem prejuízo na produção. O caso é que a aluna não me reportou durante a oficina seu desejo, tampouco eu tive a sensibilidade de perceber este intento. Lembro que passei por este grupo que exercia sua liberdade de apenas observar e rapidamente perguntei se poderia auxiliar em algo. Diante a esquivas das alunas fui ter com quem precisava de auxílio.

O relato aponta ainda um irritamento com a música reproduzida no momento em que as produções estavam começando a desenvolver-se. Escolhi Gal Costa e seu álbum acústico por trazer canções de vários renomes da MPB. A intenção era proporcionar um clima relaxante para a produção. Clima este que para a aluna que fez a produção da mandala foi sentido como positivo ao processo de criação, bem como para outras participantes. Mas para essa aluna, tanto a música quanto a disposição da sala, não lhe agradaram. Bem verdade que para quem nada fazia aquela sala poderia parecer caótica, dado o número de materiais espalhados e sua forma tão diversa da habitual. Um caos necessário para a produção artística.

Conseguimos notar que o Bruno não exerce práticas pedagógicas com frequência. Gostamos da proposta, mas não da execução. Poderíamos ter pensado em um local alternativo, para não nos apertarmos em sala de aula – tendo em vista que a manhã ficou integralmente disponível para o oficinairo. **(Participante 8)**

Percebendo as dificuldades pedagógicas demonstradas principalmente na parte da construção do diálogo, esta participante as relatou laconicamente em seu texto. Por fim, levantou o descontentamento geral com a atividade.

Esta participante estava especialmente irritada com a questão das eleições presidenciais que antecederam o dia da produção. Lembro dela sentada em seu canto a desenhar sobre um papel, contudo nada me entregou para que pudéssemos analisar.

O conteúdo que encerra esses dois últimos relatos traz críticas que podem servir como direcionamento as perspectivas iniciais de melhoramento da oficina. Em especial, o início desta oficina, o momento do diálogo pode, por meio de melhores formas, vir a provocar uma participação mais efetiva. Como

professor de Educação Física atuando no ensino fundamental, o diálogo usado na educação infantil evidentemente difere do cunho trabalhado nesta oficina. Em verdade, a parte do diálogo era a fase em que havia maior apreensão de minha parte, tanto por ser o momento inicial da aplicação, como por consolidar o momento em que materializaria as discussões da linha de pesquisa por meio de uma conversa pedagógica nunca antes por mim efetivada. De maneira análoga, já havia aplicado alguns dos exercícios técnicos, bem como a construção, em outros momentos e em outros espaços. Contudo, o diálogo marcou o primeiro momento de mediação ante o tema. E espero ter novas oportunidades para melhorá-lo com a prática.

O espaço físico junto à dinâmica do processo também foi um ponto salientado por ambos os relatos. Em virtude do tamanho físico e do alto número de alunos do Câmpus Curitiba do IFPR, o único local disponível para a aplicação era a própria sala de aula. Era prerrogativa do documento firmado com o CEP (Comitê de Ética e Pesquisa), o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que não houvesse quaisquer mudanças no itinerário habitual dos alunos do curso subsequente de Processos Fotográficos. Fatos que impeliram a realização na própria sala. Sobre a disposição da sala, em uma possível nova aplicação, neste mesmo local ou de proporções semelhantes, retiraria algumas carteiras pra outra sala e formaria menos grupos. O grupo da xaxugravura e da arte rupestre foi o menos utilizado, ficando a maior parte do tempo desocupado. Imagino que aumentando o espaço vazio na sala talvez o ambiente fique menos carregado. Logicamente, se possível, uma aplicação em ambiente aberto e arejado, enriqueceria a aplicação.



Fonte: COSTA (2018)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AMARAL, Carla Giane Fonseca do. Arte e educação profissional no Brasil: desafios para a docência. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/ppo/n15/n15a07.pdf> Acesso em 15/08/2018.

BRANDÃO, Rodrigo (org.). **Arte & Filosofia**. Curitiba: SESC PARANÁ, 2006.

BRASIL. Lei nº 11892, de 29 de Dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm.> Acesso em 24/01/2019.

_____. MEC. Ministério da Educação. CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Institucional. Área Ensino. Documento de área. 2017. Disponível em: http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/DOCUMENTO_AREA_ENSINO_24_MAIO.pdf>. Acesso em 22/05/2019.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio, 2000.

CORRÊA, Ayrton Dutra; GERHARDT, Márcia Lenir. O ensino da arte e a educação do sensível na educação profissional tecnológica. Disponível em http://www.afirse.com/archives/cd2/Ateli%C3%AAs/5a%20feira_14h30/Ateli%C3%AA%2012/Gerhardt%20&%20Corr%C3%AAa.pdf Acesso em 15/08/2018.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: Dualidade Histórica e Perspectiva de Integração. In: **Holos**. Ano 23, Vol. 2 - 2007

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.

_____. **Criatividade e Processos de Criação**. 30.ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.